

TUDO TER PARA SOZINHO VIVER

Tiago Gonçalves

Quem hoje olha para este lugar não imagina o passado no qual se ergueu. O gasto monte que agora nos entristece, foi outrora o farol natural e verdejante que ao sol brilhava nos olhos, de todos os felizardos que por meros segundos ousavam observar a sua hospitaleira beleza. A tentação era arrebatadora e assim, quem aqui sem nada vivia, contentava-se pela prisão da fascinante paisagem na qual existiam. Eu fui o pioneiro urbano que da cidade se antecipou e num comboio fugiu, ponderando na minha certeza, com os olhos batendo nos desertos que vislumbra. Aqui cheguei, este local que com pequenas pedras trilhava o seu caminho, desde a estação até algures. Sai e corri, rápido para não perder a oportunidade que sabia encontrar. Só ouvira falar antes deste lugar por causa deste monte verde, que como diziam, apaixonava. Um pequeno lugar com pouco mais de uma centena de habitantes, cujas ténues vidas eram a agricultura e a religião. Um pequeno lugar de maiores oportunidades. Eu as procurava, para cultivar as sementes do meu futuro monopólio na mente desenhado. Com a pequena fortuna com que parti construí casa e trabalho, na vazia calmaria, semeei mais, ganhei mais. Cresceu e assim nomeei ao que antes apenas era um ponto num mapa de ninguém. Nomeei com a mesma expressão que me nomeara, quando me isolara. A expressão da solidão.

Tiago Gonçalves nasceu a 3 de junho de 1986 no Porto. Licenciou-se em Sociologia em 2008. Publicou os livros: “De Uma Só Sorte” (2010), “Não fomos nós dois” (2011), “Apenas uma voz: Diário de um call-center” (2012) e “Na Noite em que Morri” (2013).